

## ASPECTOS EPIDEMIOLÓGICOS DA HANSENÍASE NA REGIÃO SUDESTE DO BRASIL ENTRE OS ANOS DE 2022 E 2023

Tamires Canuto Bonifácio<sup>1</sup>  
Hellen Leandro da Silva<sup>1</sup>  
Ana Lígia de Souza Pereira<sup>2</sup>  
Kelly Aparecida do Nascimento<sup>3</sup>  
Dyones Henrique Monteiro Cruz<sup>4</sup>  
Renata Aparecida Fontes<sup>5</sup>  
Fernanda Cristina Ferrari<sup>6</sup>

professorafernandaferrari@gmail.com

ÁREA DO CONHECIMENTO: Ciências da Saúde

**PALAVRAS-CHAVE:** hanseníase; aspectos epidemiológicos; epidemiologia; incidência.

### 1 INTRODUÇÃO

A hanseníase é uma doença infectocontagiosa, causada pela bactéria *Mycobacterium leprae*, um bacilo altamente reativo e que tem sua evolução de forma crônica. Acomete primariamente os nervos superficiais e periféricos da pele e mucosas podendo acarretar incapacidades físicas, lesões neurais, afetar órgãos internos, e consequentes danos irreversíveis. É considerada uma das doenças mais antigas, tendo relatos até mesmo em tempos bíblicos, onde as pessoas contaminadas eram excluídas da sociedade e obrigadas a viver isoladamente, o que resultou em diversos estigmas, que duram até os tempos contemporâneos (Souza *et al.*, 2023). No Brasil, a hanseníase é considerada endêmica e faz parte do rol de doenças tropicais negligenciadas (DTN), afetando principalmente pessoas em situação de pobreza e vulnerabilidade. Devido à alta incidência, com distribuição geográfica heterogênea e registro de casos em todo o território brasileiro, a doença continua sendo um desafio de saúde pública, envolvendo, ainda, questões relacionadas à discriminação (Brasil, 2022). Desta forma, a principal estratégia para o controle da hanseníase é o diagnóstico precoce associado a uma intervenção e adesão imediata que privilegie a realização do tratamento (Pinheiro *et al.*, 2019). De

<sup>1</sup> Acadêmica de Enfermagem - Centro Universitário Vértice-Univértix - Matipó

<sup>2</sup> Graduada em Enfermagem. Mestre em Gestão Integrada do Território - UNIVALE. Coordenadora e Professora do curso de Enfermagem do Centro Universitário Vértice - Univértix

<sup>3</sup> Educadora Física- Psicopedagoga- Mestre em Meio Ambiente e Sustentabilidade - Pró-reitora de Pesquisa e Extensão do Centro Universitário Vértice - Univértix

<sup>4</sup> Médico Veterinário Pós-graduação em Produção e Reprodução de bovinos pelo Centro Universitário Vértice - Univértix.

<sup>5</sup> Farmacêutica Bioquímica Analista Clínica – Mestre em Ciências Farmacêutica – Professora do Centro Universitário Vértice – Univértix - Matipó

<sup>6</sup> Farmacêutica, Mestre e Doutora em Ciências Farmacêuticas (UFOP). Professora do Centro Universitário Vértice – Univértix – Matipó.

acordo com dados da Organização Mundial da Saúde (OMS) em 2022 foram detectados 21,8 casos por milhão de habitantes, ou seja, 174.087 casos novos em 182 países do mundo, indicando que houve um aumento de 2,7% desde o ano de 2020. Sendo 19.635 notificados somente no Brasil, o que coloca o país entre os 23 países prioritários para enfrentamento à doença, atrás apenas da Índia em relação à detecção de novos casos. Todavia, a região Sudeste ficou entre as principais regiões que apresentaram um maior número de casos novos de hanseníase com sequelas de deficiências físicas no país no ano de 2022 (Brasil, 2024). A pandemia de Covid-19 que afetou todo o mundo, trouxe impactos consideráveis para o diagnóstico e tratamento da Hanseníase. Durante a pandemia houve um colapso no sistema de saúde. Com isso grande parte da população ficou sem acesso aos serviços de saúde básico, conseqüentemente muitos diagnósticos da doença passaram despercebidos pelas equipes de saúde, ocasionando queda no número de diagnósticos, acompanhada de negligência quanto aos cuidados e tratamento (Reis, 2022). Segundo Marquetti *et al.* (2022), o contágio é uma combinação de vários fatores e sua incidência é maior em segmentos mais pobres e vulneráveis, onde condições socioeconômicas desfavoráveis facilitam a contaminação e propagação do bacilo. O diagnóstico é baseado na quantidade e no tipo de lesões cutâneas, sendo paucibacilar (PB) quando apresentar até cinco lesões e multibacilar (MB) quando apresentar seis lesões ou mais. De acordo com a forma clínica, a PB é classificada como indeterminada e tuberculoide e a MB em dimorfa e virchowiana. Nesse contexto, a enfermagem desempenha um papel essencial no enfrentamento da hanseníase em várias áreas, abrangendo desde o diagnóstico precoce até o cuidado contínuo. Contudo, tem-se a seguinte questão norteadora: quais os aspectos epidemiológicos da hanseníase na região sudeste do Brasil entre os anos de 2022 e 2023? Com isso, o presente estudo tem por objetivo analisar aspectos epidemiológicos da hanseníase entre os anos 2022 e 2023 na região sudeste do Brasil. Trabalhos como este são importantes pois, entendendo o perfil epidemiológico da doença, torna-se viável explorar os elementos que contribuem para sua manifestação e, com base nos dados obtidos, desenvolver estratégias para reduzir a incidência da hanseníase. Adicionalmente, a falta de conhecimento sobre a doença pode impactar negativamente a qualidade de vida dos pacientes, o que por sua vez interfere diretamente no processo do tratamento.

## 2 METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo com abordagem quantitativa; este tipo de pesquisa busca observar, registrar e analisar dados de um determinado acontecimento em uma amostra da população investigada, sendo um método que visa a coleta das informações quantificáveis para utilização na análise estatística (Fontelles *et al.*, 2009). Serão avaliados dados das notificações de casos da hanseníase obtidos no Sistema de Agravos de Notificação (SINAN), através do acesso ao TABNET disponíveis em: <https://datasus.saude.gov.br/aceso-a-informacao/casos-de-hansenia-desde-2001-sinan/>. Os dados pesquisados são referentes à região Sudeste do Brasil que é constituída por 4 estados: Espírito Santo, Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro. O recorte temporal avaliado será entre os anos 2022 e 2023 e as variáveis investigadas nos estados avaliados serão: número de casos durante o período estudado, faixa etária, raça e sexo dos acometidos, grau de incapacidade

física, formas clínicas da doença, lesões cutâneas. Os dados obtidos serão organizados utilizando o *Microsoft Office Excel* e apresentados por estatística descritiva com frequências relativas e absolutas utilizando gráficos e tabelas. Quanto aos procedimentos éticos, por tratar de uma pesquisa que utiliza dados secundários públicos e por não conter variáveis que possibilitem a identificação dos sujeitos estudados, o presente estudo dispensa a autorização do Comitê de Ética conforme estabelece a Resolução nº 510/ 2016, do Conselho Nacional de Saúde(CNS) (BRASIL, 2016).

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Por se tratar de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), o trabalho encontra-se em andamento, mais precisamente na fase de processamento de dados. Contudo, sabe-se que a hanseníase apesar de ser uma doença antiga, ainda é um problema de saúde pública importante no Brasil (Brasil, 2022).

### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como os dados do trabalho estão sendo processados, somente após a finalização do estudo será possível realizar um parecer sobre os aspectos epidemiológicos da hanseníase na região sudeste do Brasil entre 2022 e 2023. Todavia, é possível observar que, apesar dos avanços para erradicar a doença, ainda é falho o processo de prevenção, promoção e educação em saúde em aspectos relacionados à doença e a hanseníase continua endêmica, representando um problema de saúde pública. Há um déficit de profissionais capacitados, dificuldades de acesso aos serviços de saúde e atrasos para realizar o tratamento. Por tudo isso, são necessárias ações que favoreçam o rastreamento e o diagnóstico precoce, bem como o favorecimento da terapêutica adequada.

### REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, departamento de Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis. **Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas da Hanseníase**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2022. Disponível em: [https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/protocolo\\_clinico\\_diretrizes\\_terapeuticas\\_hanseníase.pdf](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/protocolo_clinico_diretrizes_terapeuticas_hanseníase.pdf) Acesso em: 02 jul. 2024

BRASIL. Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde Ambiente, Departamento de Doenças Transmissíveis. **Estratégia Nacional para Enfrentamento à Hanseníase**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/svsa/hanseníase/estrategia-nacional-para-enfrentamento-a-hanseníase-2024-2030/@@download/file> Acesso em: 02 jul. 2024

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. **RESOLUÇÃO Nº 510, DE 07 DE ABRIL DE 2016**. Brasília, DF Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/images/comissoes/conep/documentos/NORMAS->

[RESOLUCOES/Resolucao n 510 - 2016 - Cincias Humanas e Sociais.pdf](#)

Acesso em: 09 JUN. 2024.

FONTELLES, M. J.; SIMÕES, M. G.; FARIAS, S. H.; FONTELLES, R. G. S. Metodologia da pesquisa científica: diretrizes para a elaboração de um protocolo de pesquisa. **Rev. para Med.** [s. l.], v. 23, n. 3, jul.- set. 2009. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-588477> Acesso em: 28 abr. 2024.

MARQUETTI, C. P.; SOMMER, J. A. P.; SILVEIRA, E. F.; SCHRÖDER, N. T.; PÉRICO, E. Perfil Epidemiológico dos acometidos por hanseníase em três estados da região Nordeste do Brasil. **Research, Society and Development**, [s. l.], v. 11, n. 1, jan. 2022. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/24872/21994> Acesso em: 29 mar. 2024.

PINHEIRO, M. G. C.; LINS, S. L. D. F.; GOMES, B. R. D. S.; SIMPSON, C. A.; MENDES, F. R. P.; MIRANDA, F. A. N. D. (2019). Análise contextual da atenção à saúde na alta em hanseníase: uma revisão integrativa. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, [s. l.], p. 40, jan. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rgenf/a/ZxNdC9RR3jNkbCvnWmd3gpc/>. Acesso em: 29 mar. 2024.

REIS, A. C. N. F.; OLIVEIRA, J. P. M.; GOMES, H. S.; CAVALCANTE, N. V. Impacto da pandemia de COVID-19 no cuidado continuado da hanseníase: uma revisão integrativa. **Research, Society and Development**, [s. l.], v. 11, n. 14, out. 2022. Disponível em: [https://www.oasisbr.ibict.br/vufind/Record/UNIFEI\\_89b46b4de28ea8954c1dc5a24851f226](https://www.oasisbr.ibict.br/vufind/Record/UNIFEI_89b46b4de28ea8954c1dc5a24851f226) Acesso em: 29 mar. 2024.

SOUZA, J. N.; COSTA, R. E. A. R.; MUNIZ, R. K. B.; OLIVEIRA, F. T. R.; LIMA, S.M.; BEZERRA, S. M. G. Dificuldades no enfrentamento da hanseníase no tratamento e pós-alta. **Revista de Enfermagem da UFPI**, Teresina, v. 12, dez. 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufpi.br/index.php/reufpi/article/view/3383/3693> Acesso em: 23 mar. 2024.